

ESPIRITUALIDADE EM EDUCAÇÃO: UM VIÉS DA PRÁXIS DOS DIREITOS HUMANOS NO RECONHECIMENTO À ALTERIDADE

Abraão Victor Lopes Silva

Mestre em Ciências da Religião (UNICAP)

victorabraao928@gmail.com

Resumo: *Que importância possuem Espiritualidade e Alteridade para corroborar uma educação em Direitos Humanos? Que caminhos ambas contemplam para uma educação no existir com o Outro, respeitosa à condição humana? Partindo de uma postura filosófica e antropológica compreendemos aqui o evento da espiritualidade. Gravitando sobre a necessidade de ultrapassar as estruturas reducionistas e simplistas que nos rodeiam, admitindo que a vida possui razões que extrapolam a própria razão, a ideia é abrir espaço à discussão sobre as tramas de uma nova conexão entre homem e mundo, admitindo um sentido para além da religião tradicional. Espera-se com o presente trabalho contribuir para uma valoração à diversidade humana, reverberando o nós, a substanciação da Espiritualidade e do humanismo do outro homem.*

Palavras-chave: *Espiritualidade, Humanização, Alteridade, Educação, Filosofia.*

Vivemos tempos marcados por visões individualistas e fragmentadas, segundo as quais refletir o humano como extensão de si mesmo, ou seja, a alteridade e as diferenças, tornou-se algo perigoso e difícil. As marcas da intolerância, do preconceito e da violência são cada vez mais visíveis dentro e fora da esfera escolar. Pensar o “entre nós” hoje, em um contexto que reúna as diferenças e permeie de sentido a humanidade desguarnecida de visões empáticas e de proximidade, compreende ver o mundo de maneira englobante e superar a esfera de um solipsismo moral por uma natureza multicultural (o humano, a abertura à pluralidade). Sendo esse um modo determinado do ser, cujo fim seja a modificação e a desconstrução da aversão às diferenças circunstantes e circundantes, já que:

A morte, a miséria e a própria violência são nossas estruturas, sendo provas consistentes de que o princípio fundamental da existência humana está em crise. O mal, em suas formas visíveis e invisíveis prevalece na negação da alteridade, na brutalidade da violência. (LÉVINAS, apud ALMEIDA, 2009, p. 193.)

Portanto, a Terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal (ADORNO, 1985), uma vez que o mal-estar social hodierno, a doença de si, propicia comportamentos alérgicos à responsabilidade que evoca a tarefa no cuidado da outriedade. Contemplando o apelo à intolerância, o fascismo e à bestialidade, “o externar do hor-

ror, sempre latente, pelo diferente” (SOUZA, 2012, p. 49) - a distorção de convivências mais íntimas, bem como em vias da afetividade, para o reverberar da condição humana tornam-se absurdamente banais ou, conforme o sociólogo Zygmunt Bauman (BAUMAN, 2004), líquidos.

A hipocrisia surge maior quando elegemos “prostitutas, ladrões, ruaceiros, bichas, bêbados”, como se fossem seres inimigos e separados da sociedade-ser que somos. Nossa sombra inapagável e intragável é projetada no Outro, no estranho, na Natureza. Falta leveza. Falta sabedoria. (SAYÃO, 2012) Permanecendo um problema original, a ser tratado à parte: o “homem não os reconheceria como seus semelhantes, seus próximos ou seus irmãos.” (DERRIDA, 2011, p. 65)

Pois todo problema reside na entrada do terceiro que deturpa a subjetividade humana, e o problema é esta perturbação (LÉVINAS, 1990). O terceiro é essencialmente o rosto dos excluídos, com os quais a proximidade não constitui um lugar no mundo atual, que nos obseda para:

(...) necessária justiça, quer dizer a comparação, a coexistência, a contemporaneidade, o ajuntamento, a tematização, a visibilidade dos rostos e, por aí, a intencionalidade e o intelecto e na intencionalidade e no intelecto, a inteligibilidade do sistema e, por-aí, também uma co-presença em pé de igualdade como diante de uma corte de justiça. A essência como sincronia: junto-num-lugar. (LÉVINAS, 1990, p. 245)

Junto-num-lugar, residente na multiplicidade cultural, étnica e de gênero, a Terra, o éthos (em grego), a morada, o abrigo permanente no qual coabitamos. Se é morada ou casa, que em grego é *óikos*, não é algo pronto, mas aberto a ser sempre algo em construção e reconstrução, numa relação de meio e fim. Torna-se éthos enquanto conclama à justiça no acolhimento dos *entes* em redor, no exercer de nossa condição humana no mundo a partir do reconhecimento da face do outro homem e a garantia da vitalidade; porque “não é, portanto, uma simples regra de conduta, e sim um princípio da vida espiritual.” (LÉVINAS, 2004, p. 26)

A saber, no encontro com Outrem, que se pronuncia como viés nutrido da sabedoria do amor, o real significado da Pedagogia da Alteridade: a práxis acolhedora da Pluralidade humana, condizente de sentido em educação, que se desdobra para o rosto do Outro. Visto que numa sala de aula há uma grande diversidade, não só religiosa, mas também étnica, social e de gênero, havendo convergências e divergências, semelhantes e diferentes interferem o tempo todo dentro das relações. (SILVA, 2010).

Portanto, a sala de aula é um espaço garantido de encontro com a diversidade, destino para interpelação ética e abertura à transcendência – abertura do eu para o Outro –, que educar procura assumir o caminho como possibilidade de sentido educativo (ROSA, 2012), no reconhecimento das faces, ou das diferenças, a Pedagogia da Alteridade, o agir ético - êxodo para a espiritualidade. O que corrobora ao filósofo lituano-francês: Emmanuel Lévinas, a sua real importância à educação, principalmente sobre o olhar em Direitos Humanos.

METODOLOGIA

A pesquisa está embasada em cunho bibliográfico, disposta a investigar o silêncio educacional quando se envolvem os processos de humanização do humano, entendendo o agir ético consoante o filósofo Emmanuel Lévinas, como exercício espiritual e promissor para o reconhecimento da Alteridade. Não o percebendo de maneira ingênua, como algo atrelado à religião, porém no:

Colocar-se perante novas possibilidades de ser. [...] preocupar-se com a existência, [...] inquietar-se com a existência humana, esboça, desde já, o horizonte do ser em geral, do ser verbo, único em questão nessa inquietação: ela esboça-o precisamente porque ele não é um conceito, mas aquilo que temos de assumir. (LÉVINAS, 1997, p. 99-100)

Assumir-se como responsáveis para o salvaguardar da dignidade e da vitalidade humana, isto é, “um eu ético, em prioridade do para o Outro.” (LÉVINAS, 1997, p. 238) Lévinas, recebe também, influência do escritor russo Fiódor Dostoievski, na obra *Os Irmãos Karamazov*: “Nós somos todos responsáveis por tudo e por todos, diante de todos, e eu mais do que todos os outros.” (apud RIBEIRO JÚNIOR, 2008, p. 89)

Porque “não nos basta perguntar pelo ser da vida e do mundo; é necessário que nos perguntemos que sentido pode – ou deve – assumir a pergunta pelo ser da vida e do mundo.” (SOUZA, apud CARBONARI; COSTA; DALMAS, 2012, p. 35) Consoante o pedagogo judeu Martin Mordechai Buber, em uma conferência “Sobre o Educacional” (*Über das Erziehische*), datada de 1919, é o soar anacrônico nos tempos hodiernos: “Confiança, confiança no mundo, porque existe essa pessoa – isso é a obra mais íntima da relação educacional.” (BUBER, apud RÖHR, 2012, p.41) Ainda conforme Buber:

No mundo através dos seus acontecimentos do dia-a-dia que se dirigem a mim. Tudo o que acontece diz algo a mim de uma forma única, numa linguagem nunca antes pronunciada. Nós respondemos ao instante, mas respondemos ao mesmo tempo por ele, somos responsáveis por ele. (BUBER, 2014, p. 9)

O instante atual, no mundo em que os *entes* coabitam, não está motivado a ter confiança em sua pluralidade. Podemos dizer que “vivemos numa desconfiança abrangente” (BOLLNOW, apud RÖHR, 2012, p. 41), que teve seu início por meio também de pensadores como Nietzsche, Marx e Freud (os mestres da suspeita). Eles se opuseram à quimera idealista de seu tempo. Em nosso período hodierno a situação se agrava ainda mais, à medida que as instâncias que, apresentaram-se confiantes, estão fragmentadas por “cobiça econômica e do poder público-político, confirmando de forma sempre inquestionável a justeza desconfiança.” (RÖHR, 2012, p. 42)

Zygmunt Bauman, descreve que tal desconfiança estimula desejos conflitantes de estreitar laços, logo: Será que numa situação em que a desconfiança se tornou universal, em que o 'Bem' no mundo está sendo negado, portanto num mundo de desconfiança completa, da desconfiança como postura geral da vida, não existe mais espaço para a confiança? Será que o ser humano pode ser condenado pelo espírito de uma época a desacreditar na possibilidade de uma vida digna, orientada pela busca do bem, do belo e do verdadeiro? Consoante Bollnow:

Se deve existir uma vida humana que faz sentido, aí tem que existir uma verdade de consolo que sustenta, uma verdade que suscita confiança na vida e que por si é condição prévia para possibilitar qualquer iniciativa para um futuro melhor. (RÖHR, 2012, p. 42)

A saber, “ter fé, significa ter confiança no significado da vida e esperar que aquilo que fazemos ou desistimos de fazer terá uma importância duradoura.” (BAUMAN, 2008, p. 196)

Estamos falando, aí, da confiança em si, sem qualquer determinação específica, e compreendemos por essa, não a confiança em relação a esse ou aquele ser, mas uma confiança que se encontra por trás de qualquer confiança singular, uma confiança que é condição de qualquer confiança em si, sem objeto singular determinado, como a que surge de uma sensação de proteção profunda e confortante. (BOLLNOW, apud RÖHR, 2012, p.43)

Pois “o amor a vida não ama o ser, mas a felicidade do ser” (LÉVINAS, 1980, p. 129) - no “estar sendo com os outros, com o mundo” (SOUZA, apud CARBONARI; COSTA; DALMAS, 2012, p. 35); ou melhor, segundo Emmanuel Lévinas: a “partir da relação concreta entre um eu e um mundo” (LÉVINAS, 2000, p. 25), “uma relação não alérgica com a alteridade, descobrir [...] o desejo – onde o poder, por essência assassino do Outro, se torna em face do Outro e ‘contra todo bom senso’ impossibilidade do assassino, consideração do Outro ou justiça.” (LÉVINAS, 2000, p. 34) E:

Na existência, um acontecimento diferente do da transcendência [...] expressão que se dirige para luz [...] a maneira de existir [...] em retirar-se para o outro lado [...] quando situamos o Outro como liberdade, pensando-o em termos de luz. [...] Há que reconhecer o seu lugar excepcional nas relações [...] a relação com a alteridade, com o mistério, isto é, com o futuro, com aquilo que, num mundo onde tudo está dado. (LÉVINAS, 1982, p. 59-60)

De forma mais clara, o filósofo lituano-francês Emmanuel Lévinas (1906 - 1995), esclarece em seu livro *Totalidade e Infinito*: “ao desvelamento do ser em geral, como base do conhecimento e como sentido do ser, preexiste à relação com o *ente* que se exprime; no plano da ontologia, o plano ético.” (LÉVINAS, 2000, p. 180) Concretamente, no sentido educacional, a Pedagogia da Alteridade: “a qualidade do educando que encontra a do mundo, da diversidade real [...]. Pois a educação é uma questão entre diferentes, e não entre in-diferentes” (SOUZA, apud CARBONARI; COSTA; DALMAS, 2012, p. 37), na “convivência aberta com o Outro, testemunhando-a não só em confissões verbais, mas no engajamento de atos concretos” (RÖHR, 2012, p. 44) respeitosos à humanidade e aos Direitos Humanos; uma ruptura arduosa na relação do Eu ao múltiplo, porque “educar é possibilitar a relação” (SOUZA apud CARBONARI; COSTA; DALMAS, 2008, p. 36) - “a misteriosa descoberta do Outro, a quem dar-se sem perder-se, realizando a plenitude na união” (RIBEIRO JÚNIOR, apud CORRREA JÚNIOR, 2013, p. 28), em seu sentido espiritual. Logo, Lévinas reverbera o real significado de uma educação para vida, um horizonte ético, que implica no desabrochar do humano a partir do Outro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É importante notar a real necessidade que temos ao estabelecer a equidade social por meio da Educação, da Espiritualidade e dos Direitos Humanos. Observar os fatores que fizeram emergir o senso de justiça, no intuito de interligar-se de forma abrangente com o Outro, o injustiçado, por meio da valorização da condição humana. Pois, “toda sociedade em si, está em guerra”; não se trata aqui, de uma guerra entre os países com seus interesses particulares somente, todavia uma guerra civil, na qual homens digladiam-se uns contra os outros, por conta de seus objetivos egocêntricos. Por conseguinte:

Uma Guerra Fria para os que a fazem; guerra quente aos que sofrem. Coexistência pacífica para os que fabricam armas; existência sangrenta para aqueles que são obrigados a comprá-las e usá-las. O espaço como campo de batalha, como geografia estudada para vencer estratégica ou taticamente o inimigo. (DUSSEL, 1977, p. 08)

O inimigo subentende-se como o diferente, ou o Outro, inerente ao espaço onde habitamos com os demais *entes* da Terra. O espaço, nada mais é do que, “o espaço político, daquele que compreende todos os espaços [...] no qual se exerce o poder sobre o controle dos exércitos.” (DUSSEL, 1977, p. 08). A saber: o espaço sobre jogos de interesse que proporcionam ao Outro a conjuntura do inumano, assim como o reflexo “do fracasso pedagógico moderno, particularmente doloroso de se contemplar. [...] A escola também, não consegue cumprir as promessas de integração social.” (FREITAS, apud RÖHR, 2012, p. 53)

Logo, a educação deve voltar-se para o agir ético, “a própria espiritualidade, significa o início da própria humanização no seu sentido mais profundo” (RÖHR, 2013, p. 174), uma

conversão radical (*metanoia*), uma transformação na maneira mesma do ser do sujeito, a qual “envolve a pessoa por inteiro. Exige dela um comprometimento com ela mesma, uma identificação que gera uma sincronia desse sentido com a própria postura da vida” (RÖHR, 2013, p. 33), tal qual reforçou o filósofo da alteridade Emmanuel Lévinas: “Ser dominado pelo Bem, [...] uma interioridade que precede a liberdade, [...] é obediência a um valor sem antevalor” (LÉVINAS, 2012, p. 83-84), no reconhecimento do rosto do Outro, por sua vez, algo, para além da religião.

Significa então dizer que o fenômeno perpassa a religião. Uma experiência importante para reverberar a vida humana: no entanto, as raízes são bem mais profundas. Indubitavelmente, a espiritualidade, transcende dogmas, ritos e a institucionalização; ela é um processo transpessoal de mudança e transformação da maneira de pensar o mundo e ver o Outro, longe de qualquer subjetividade ou “eu”. Pois, consoante Grof:

As religiões organizadas tendem a criar sistemas hierárquicos que se concentram na busca do poder, controle, política e dinheiro, posses e outras preocupações [...]. Nessas circunstâncias, desestimulam as experiências espirituais diretas de seus membros. (GROF; GROF, 2010, p. 27)

A religião tornou-se, por assim dizer, na visão de Grof, uma prática institucionalizada maculando a espiritualidade. Ela perdeu suas origens, antes imbricadas no contexto espiritual por simplesmente religar-se (*religare*) à formalismos vazios, que empatam a descoberta do sujeito perante o Outro e perante o mundo.

Ao abordar a espiritualidade, o ego humano, “o eu”, se torna um ego mais elevado, ou melhor: um ego mundano. Tal ego mundano vem a valorar as relações do homem entre os seus, bem como o homem e o *Ethos* como *experiências fundamentais*. Porque:

A espiritualidade é uma dimensão natural e de grande importância [...] a busca espiritual é um desafio humano legítimo, totalmente justificado. No entanto, é preciso enfatizar que isso se aplica à espiritualidade genuína, com base na experiência pessoal, e não significa um apoio a ideologias e dogmas de religiões organizadas. (GROF, 2010, p. 25)

Concomitantemente, educar para a espiritualidade significa, por sua vez, educar, “enquanto expressão de uma sabedoria que conclama cada pessoa a significar sua vida a partir do critério ético, que se volve ao rosto do indigente, da viúva, do órfão, do estrangeiro, na contramão de uma cultura de morte do humano” (ROSA, 2012, p. 155); porque, “a dimensão ética encontra seu sentido espiritual no profundo respeito diante do diferente.” (RÖHR, 2013, p. 111)

Uma educação, segundo o filósofo lituano-francês Lévinas, voltada “a sabedoria do amor” (LÉVINAS, 1980, p. 05), um elemento antipolítico capaz de afetar a outrem e, que

também, o 'eu' pode ser afetado pela caridade (o amor). O amor que percebe o rosto do outro como sendo 'Santo', "termo em hebraico utilizado por Lévinas é *Kadosh*" (DERRIDA, 1990, p. 958); in-tocável, o qual não se pode tocar, ou que não se pode matar. O matar, aí referido, não se limita a "tirar a vida" somente, "mas renunciar em absoluta à compreensão" (LÉVINAS, 1980, p. 177) e o diálogo, a falta de empatia, a alteridade – uma reação "alérgica" ao Outro.

Conforme Emmanuel Lévinas, a sabedoria do amor, resulta numa:

Nova significância de espírito nesta significativa (sensé), que não reside no pensamento que se apropria do outro da natureza ou que, na poesia e na arte, celebra, isto é, manifesta a habitação no mundo. [...] Ela é, a responsabilidade ética e na obrigação para com outrem, relação com a transcendência enquanto transcendência. [...] Amor comandado pelo rosto do outro homem. (LÉVINAS, 2009, p. 239)

Logo, a escola, constitui-se o local do desabrochar da alteridade, a possibilidade do encontro do amor comandado pelo rosto do Outro; o resultado do tempo e o espaço no qual se "tecem intermitentes e inusitadas manifestações que interpelam o sujeito pela condição do próximo." (ROSA, 2012, p. 189) A escola é a possibilidade da condição humana, ela é uma aposta no caminho levinasiano, "o outro despertando no mesmo, é o outro no mesmo sem alienar, [...] tal excelência na bondade" (LÉVINAS, 2002, p. 195), o que se entende como Pedagogia da Alteridade, através da lucidez do meu pensar, em amor, como essência mais íntima, "ser-a-si-mesmo e amor são idênticos" (RÖHR, 2012, p. 30), porque "o encontro com o Outro é um acontecimento decisivo que marca o começo de nossa própria existência." (GUIMARÃES, 2004, p. 70)

CONCLUSÕES

O rosto do outro é uma realidade da qual não tenho como me esquivar. Toda situação de exclusão e marginalização do outro ser humano mexe comigo, gera um apelo que solicita uma resposta. Segundo o filósofo argentino Enrique Dussel, é irrefutável que não deveremos ter "uma resposta responsável pelo apelo do outro. [...] a responsabilidade [...] que é anterior a qualquer consciência", isto é, "a condição para o indivíduo singular possa escolher a coisa decisiva." (ALMEIDA, 2009, p. 48)

"Equivale em considerar a própria realidade ética como infinitamente mais importante do que a história universal." (KIERKEGAARD, 1993, p. 473) Já que se constitui uma "tarefa de transformar a si mesmo em um instrumento que exprima o humano na existência" (KIERKEGAARD, apud ALMEIDA, 2009, p. 50), ou melhor:

Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciando, por sua vez, se volta problematizando aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles um novo pronunciar. Não é no silêncio que os homens fazem, mas na própria palavra, no trabalho, na ação-reflexão. (FREIRE, 2005, p. 90)

Na reflexão, enquanto “palavra que se manifesta como rosto, que evoca uma relação magistral” (ROSA, 2012, p. 199), o agir ético, ou a espiritualidade. Como ordem do amor, no amor como edifício, “no amor privilegiado de seu amado, em que o mandamento de amar se repete e se renova, indefinidamente, na repetição e na renovação do amor que ordena o amor.” (LÉVINAS, apud RIBEIRO JÚNIOR, 2008, p. 254)

Pode-se dizer, em última instância, que o “rosto do outro”, conforme um modelo educativo em Lévinas, não é uma ideia ou conceito representativo. O “frente a frente” é relação direta, sem mediações dos conceitos, das ideias e das teorias” (ROSA, 2012, p. 184); ele é uma cifra para se educar a hospitalidade, “significa entender que o outro é bem-vindo” (ROSA, 2012, p. 184) - no “[...] gesto de acolhimento, [...] oferecidos ao Outro [...] em que a hospitalidade abre-se como intencionalidade.” (DERRIDA, 2013, p. 66) Intencionalidade que remete “o humano a é essa possibilidade de santidade” (SAYÃO, 2013, p. 41) - “O ser Humano como um fim sagrado, digno de ser preservado em sua integridade e inviolabilidade” (SAYÃO; PELIZZOLI, 2012, 61) nos “encontros de amor” (RÖHR, 2012, p. 45), o brilho de uma Pedagogia da Alteridade, no agir ético (a espiritualidade), práxis respeitosa aos Direitos Humanos.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ALMEIDA, Jorge Miranda de. **Ética e Existência em Kierkegaard e Lévinas**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- _____. **A sociedade Individualizada**: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BUBER, Martin. **Do Diálogo e do Dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- CARBONARI, Paulo César; COSTA, José Andre da; DALMAS, Giovana. **Ética, Educação e Direitos Humanos: estudos em Emmanuel Lévinas**. Passo Fundo: Instituto Superior de Filosofia Berthier, 2008.
- CORREA JÚNIOR, João Luiz. **O Amor Em Suas Múltiplas Formas**. São Paulo: Paulinas, 2013.
- DERRIDA, Jacques. **Force de Loi: le fundament mystic de l'autherité**. Cardozo Law Review, vol. 11: 919, 1990.
- _____. **O Animal que Logo Sou**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- _____. **Adeus a Emmanuel Lévinas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- DUSSEL, Enrique D. **Filosofia da Libertação na América Latina**. São Paulo: Loyola, 1977.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- GROF, S.; GROF, C. **A Tempestuosa Busca do Ser**: um guia para o crescimento pessoal através da crise de transformação. São Paulo: Cultrix, 1994.
- _____; _____. **Respiração Holotrópica**: uma nova abordagem de autoexploração e terapia. Rio de Janeiro: Capivara, 2010.

- GUIMARÃES, Marcelo Rezende. **Um Novo Mundo É Possível**. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- KIERKEGAARD, Sóren A. **Temor e Tremor**. Tradução de Maria José Marinho. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito**. Lisboa: Edições 70, 1980.
- _____. *Ética e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 1982.
- _____. *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*. Paris: Le Livre de Poche, 1990.
- _____. **Descobrimo a Existência com Husserl e Heidegger**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997
- _____. **Totalidade e Infinito**. Lisboa: Edições 70, 2000.
- _____. *Difícil Libertad*. Tradução Juan Haidar. Madrid: Caparrós, 2004.
- _____. **Entre Nós: ensaios sobre a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- _____. **Humanismo do outro homem**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- MEARLEAU-PONTY, Maurice. 2 ed. **A Natureza: curso do Collège de France**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- RIBEIRO JÚNIOR, Nilo. **Sabedoria da Paz: ética e Téo-lógica em Emmanuel Lévinas**. São Paulo: Loyola, 2008.
- RÖHR, Ferdinand. **Educação e Espiritualidade: contribuições para uma compreensão multidimensional da realidade, do homem e da educação**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2013.
- _____. **Diálogos em Educação e Espiritualidade**. 2ª ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.
- ROSA, Luis Carlos Dalla. **Educar para A Sabedoria do Amor: a alteridade como paradigma educativo**. São Paulo: Paulinas, 2012.
- SAYÃO, Sandro Cozza; PELIZZOLI, Marcelo. **Fragmentos Filosóficos: direitos humanos e cultura de paz**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.
- SAYÃO, Sandro Cozza. **Lévinas entre nós**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.
- SILVA, Marinilson Barbosa da. **Em busca de significado do ser professor de ensino religioso**. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2010.
- SOUZA, Ricardo Timm de. **Lévinas e a Ancestralidade do Mal: por uma crítica da violência biopolítica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.